



BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO ÀS ATIVIDADES DA SALA DE AULA

**ANUÁRIO DA PRODUÇÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA DISCENTE**

Vol. XII, Nº. 13, Ano 2009

Edinete Ferreira de Carvalho

Professora Orientadora:
Dra. Eliane Quinelato

Curso:
Letras

FACULDADE ANHANGUERA
DE SANTA BÁRBARA

Participou do 4º Encontro Interno de
Iniciação Científica, 2009.

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, resgatar sucintamente a história do surgimento da biblioteca, abordar a importância da leitura na vida do estudante e apresentar os resultados da pesquisa realizada com alguns professores das escolas visitadas, que consiste num trabalho de integração entre a sala de aula e a biblioteca. Esse estudo utilizou-se das coletas de informações, por meio de questionários junto aos docentes e responsáveis pelas bibliotecas, e de leituras com embasamento em referências renomadas. Com esse material recolhido, pretende-se confrontar os resultados com a política estabelecida pelo Governo, ou seja, averiguar a forma de utilização ou não das bibliotecas dessas escolas e, posteriormente, apresentar algumas sugestões possíveis de serem aplicadas para que se tenha um processo de aprendizagem com mais qualidade, para tanto ressaltamos a importância da leitura e da biblioteca escolar no processo ensino-aprendizagem, enfatizaremos que ler é aprender, é progredir, é desvendar o mundo, é competir como cidadão para um trabalho eficiente e produtivo. Nesse sentido, é necessário oferecer condições para que o aluno leia e compreenda os textos numa tarefa integrada entre as atividades de sala de aula e a biblioteca.

Palavras-Chave: biblioteca escolar; leitura; ensino.

Anhanguera Educacional S.A.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, SP - CEP 13278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br
pic.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Publicação: 5 de março de 2010

*Trabalho realizado com o incentivo e fomento
da Anhanguera Educacional S.A.*

153



1. INTRODUÇÃO

Podem-se realizar leituras em diferentes espaços, mas a biblioteca ou sala de leitura mostra-se um ambiente apropriado para tal atividade. A utilização deste espaço cria no aluno e futuro adulto a conscientização da importância da biblioteca e, conseqüentemente, da leitura para o desenvolvimento global do indivíduo. Pretende-se, com esse artigo, apresentar sugestões de como integrar o trabalho da sala de aula com a biblioteca, incentivar o hábito da leitura e a discussão em grupos sobre obras consideradas fundamentais pelo currículo escolar. Pretende-se de uma maneira mais leve e atraente, apresentar a leitura por fruição e orientar na promoção de encontros para ler e contar histórias, já que esta é uma das funções que a biblioteca deve exercer no ambiente escolar. No intuito de atestar se as escolas públicas têm realmente bibliotecas e se essas funcionam e de confrontar os pontos de vista dos que estão inseridos no meio educacional com a realidade da proposta apresentada pelo governo, foi realizada pesquisa de campo. Para isso, foram entrevistadas pessoas que fazem parte do cotidiano da escola pública: duas professoras de Língua Portuguesa que não atuam, em sala de aula, uma agente de organização escolar, além de professoras atuantes em diversas disciplinas e em Língua Portuguesa, em atividade.

2. OBJETIVO

O objetivo geral é:

- Proporcionar a integração entre o trabalho desenvolvido em sala de aula e a biblioteca, incentivando o hábito da leitura e a discussão em grupos sobre obras consideradas fundamentais pelo currículo escolar, a leitura por fruição e encontros para ler e contar histórias.

Os objetivos específicos são:

- Verificar a existência das bibliotecas nas escolas públicas estaduais, mencionadas acima.
- Relacionar o trabalho que as escolas desenvolvem em conjunto com as bibliotecas.
- Apontar metodologias de ensino que promovam o hábito da leitura.

3. METODOLOGIA

Os métodos utilizados para a pesquisa foram: pesquisa bibliográfica e suas respectivas referências e entrevista presencial de campo, utilizando como instrumento nove (9) questões de múltipla escolha e/ou abertas.

Foram entrevistadas dezessete (17) pessoas de escolas Públicas, todas do sexo feminino e na faixa etária entre 30 e 45 anos.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. A importância da leitura

A leitura leva a pessoa a desenvolver uma visão crítica. O leitor torna-se mais atento e tem uma compreensão mais profunda do que há por trás do texto. É capaz de ler nas entrelinhas, avaliar e analisar se essa leitura lhe trará algum acréscimo ou será somente algo pra ler e logo em seguida, descartar. Ao fazer isso o leitor consegue apreender a mensagem que o autor está querendo transmitir, ele entenderá o assunto e formará sua própria opinião a respeito dele.

Como afirma Takahashi:

Educar em uma sociedade de informação significa muito mais que treinar. Para que a sociedade use as ferramentas disponíveis, é necessário investimento para que o indivíduo seja apto a tomar decisões, operar com fluência os novos meios, saber inovar quando for exigido em seu trabalho diário e ter condições de aplicar os conhecimentos adquiridos de maneira correta e eficaz. O indivíduo deve ser capaz de raciocinar criativamente, ter soluções para os problemas que surgirem ser comunicativo e estar preparado para as transformações que o mundo sugere. Deve, portanto, se aprimorar no que faz. (TAKAHASHI *apud* OLIVEIRA; BAZI, 2007, p. 126)

Numa escola, o direcionamento para o aprendizado deve ser o mesmo - o de investir nos alunos para que, ao serem incentivados a aprender, saibam aplicar esse aprendizado com criatividade, sendo aptos a tomar suas próprias decisões e ter condições de inovar no seu trabalho.

A escola deve prepará-los para viver no mundo contemporâneo, onde o conhecimento e a informação possuem papel de destaque. Nada do que se ensina a uma pessoa é conclusivo. Ela mesma renova seus conhecimentos à medida que é incentivada a fazê-los. Um cidadão bem informado torna-se capaz de agir com um retorno mais confiável, lucrativo e prático.

A transferência de informações do professor ao aluno é o início da construção do conhecimento e pode levá-lo a uma transformação ao conscientizá-lo do que é realmente importante para sua vida futura. O professor o auxilia a viver numa sociedade competitiva, para que adquira as condições necessárias para se destacar na profissão escolhida, tendo em vista a complexidade do momento atual com suas contradições e paradoxos inquietantes. Isto requer, sobretudo, a busca incessante por novos

conhecimentos e também a procura constante por orientações, qualificações e procedimentos que exijam maior atenção sobre os processos de interação com a leitura.

Segundo Santana (*apud* SOARES, 2001), “a pessoa que aprende a ler e escrever e põe em prática esse aprendizado é uma pessoa diferenciada, pois adquire um outro estado, uma outra condição”.

Além de inteirar-se das diversas informações ofertadas no dia a dia, o aluno deve aprender a ler criticamente. A leitura deve ser um processo de aprendizagem para a construção e disseminação de conhecimentos para toda a vida, com a finalidade de despertar no jovem a ambição de gerar seu próprio saber, deve ser encarada como um ato de compreensão e conhecimento que proporciona ao leitor a possibilidade de se posicionar diante dos fatos, pois o faz refletir, criticar e participar do mundo que o cerca. Essa é a leitura crítica.

Dessa forma, o indivíduo é levado a desenvolver uma consciência crítica, a analisar a relevância da leitura para a satisfação das suas necessidades, a assumir posturas pró-ativas de buscas e a estabelecer relações entre as informações processadas e a produção do conhecimento.

A vantagem que a leitura oferece é a de aproximar o indivíduo de um mar de conhecimentos oferecidos pela biblioteca, através de centenas de livros expostos nas estantes à espera do leitor. Com isso, entendemos que a escola é o caminho, por excelência, para a formação do indivíduo e o estímulo à leitura deve ser feito através de projetos em conjunto com a biblioteca. Esse deve ser um dos objetivos da escola, trazendo benefícios ao aluno e ajudando-o na construção do conhecimento e aprendizado.

Queirós, em seu texto “*O livro é passaporte, é bilhete de partida*”, publicado na revista “*Leituras Compartilhadas*”, escreve:

A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o leitor para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído. Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem para tomar de sua palavra. Ter a palavra e, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem, contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças. (QUEIROS, 1999, p. 29).

Ler provoca no indivíduo o inconformismo com a situação atual, tornando-o incapaz de suportar o mundo ordinário em que vive. Além disso, os livros aguçam no leitor a imaginação; levam-no a fantasias, a sonhos, a acreditar que ainda existe algo a descobrir. Transportam o leitor a lugares jamais imaginados.

Segundo Memmler (1968), *apud* Carvalho, os livros são como uma pessoa oculta falando a nós, através deles todos os sonhos, pensamentos e esperanças, foram



preservados ao homem. Se adquiríssemos o hábito de utilizar bem os livros, nossa mente não teria limites, poderíamos, por meio dela, conhecer as pessoas mais interessantes que já viveram nesse mundo, conversar com grandes personalidades, enriquecer nossas mentes com a riqueza de seus pensamentos que nunca teríamos a chance de conhecer pessoalmente, mas através dos livros seria possível, sem contar nas viagens que poderíamos fazer, no tempo e no espaço, para o lugar que desejássemos.

A leitura possibilita conhecer o íntimo dos heróis favoritos e nos leva a dialogar com eles, em nossa imaginação, sem falar na companhia, pois nos tira da solidão. Ler pode provocar também o inesperado, ou mesmo servir de atalho para se chegar mais rapidamente a um lugar muito almejado. Em questão de segundos o pensamento viaja e à medida que a pessoa vai conhecendo mais lugares, a ânsia para conhecer outros aumenta. Isso leva a pessoa a não querer mais parar. O livro passa a ser um companheiro inseparável, torna-se um vício. Possibilita a identificação com outros povos, sua história, sua cultura. Aproxima países, por mais distantes que estejam. Promove a interação entre culturas e línguas. Ensina a geografia de outros lugares; a localização de rios, montanhas e até cidadezinhas perdidas nessas montanhas, conduz a lugares desconhecidos e inimagináveis.

A leitura sugere ainda a fusão entre o intelectual e o espiritual, num desenvolvimento conjunto, possibilitando a aprendizagem e o progresso. Para exemplificar melhor esse ponto de vista, vejamos o que diz Bamberger:

O direito de ler significa igualmente o direito de desenvolver as capacidades intelectuais e espirituais da pessoa, o direito de aprender a progredir... O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais faz grandes solicitações ao cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura ativa-se um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades mentais em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (BAMBERGER, 1977, p. 11-12).

O sujeito habituado a ler, não só desenvolve um simples hábito, mas promove um constante exercitar das células, num processo cognitivo, em que o desenvolvimento intelectual é percebido em vários níveis. A repetição desse esforço aumenta a concentração e faz dele uma pessoa mais centrada e compenetrada. Ainda conforme Bamberger, (1977, p.12), “[...] com base na compreensão do texto a repetição aumenta e assegura o esforço intelectual.” Com isso enfatiza-se que a leitura é uma maneira simples, mas eficiente de aprender e de exercitar o cérebro. Talvez seja por essa razão que pessoas idosas são incentivadas, entre outras coisas, a ler, pois assim fogem da rotina diária e ainda ajuda a ativar a memória, o raciocínio, a aprendizagem, a auto-estima e também a criatividade, uma vez que a ativação cerebral impede o avanço e até a contração de certas doenças, como a de Alzheimer, por exemplo.



Podemos comparar nosso cérebro a um músculo que atrofia, com a falta de uso. Ele não deve ficar estagnado, precisa se exercitar. Quanto mais informações os neurônios recebem, mais criam ligações entre si. Essas ligações são chamadas *sinapses*, ou seja, é o ponto de conexão entre duas células, por meio das quais as mensagens são levadas de um neurônio a outro.

A pessoa, ao ler, traz à tona arquivos armazenados no cérebro. Este é pressionado a trabalhar num processo retroativo que, somando-se ao aprendizado já adquirido com outras leituras, leva à imaginação à sensibilidade do simples ato de ler. O rádio e a TV não proporcionam ao indivíduo essa mesma percepção, pois o cérebro trabalhará com menor intensidade, já que recebe quase tudo pronto. Esses meios de comunicação colocam o indivíduo na passividade e aceitação, sem o desenvolvimento crítico necessário que a leitura proporciona.

Assim sendo, o aluno que aprende a frequentar uma biblioteca, retirar um livro e ler adquire conhecimento para a vida inteira, passa a ter como potencial de memorização, compreensão e reflexão no processo ensino aprendizagem um conjunto de recursos cognitivos, aplicando a junção da teoria aprendida com a prática adquirida.

De acordo com Hatschbach:

Os indivíduos que pretendem ser agentes de transformação e conquistar seu espaço na sociedade da informação necessitam adquirir habilidades específicas para o trato com a informação no que se refere a sua localização, acesso, uso, comunicação e principalmente para a geração de novos conhecimentos. (HATSCHBACH *apud* GUEDES; FARIAS, 2002, p.10).

O ato de ler potencializa as pessoas, transforma as informações adquiridas nos livros em conhecimento inabalável e permanente. Cada livro que se lê aumenta em nossa imaginação a transvisão do mundo. Não é à toa que Manoel de Barros escreveu em *Poesia sobre o nada*: “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê”. A memória é restrita, a subjetividade vê além, vê o mundo com sensibilidade, transcende nosso sentido. A nossa imaginação, por meio da leitura, ultrapassa os limites, as fronteiras, o espaço, o tempo. O imaginário flui, numa sensação de ser parte do livro, transforma o leitor, muitas vezes, em personagem. É uma sensação de viajar, mas com o corpo ali presente, os olhos vendo o invisível, a memória transformando dados imaginários em concretos. A imaginação é sensacional, transforma o que lemos em algo supremo, eterno. Isso é a leitura na vida do amante do livro. Há transformações profundas no ver, sentir e viver.

Dentro desse pensamento, para que o aluno adquira o hábito da leitura é preciso que as escolas integrem em seus programas de aprendizagem o uso frequente da biblioteca por seus alunos. Este espaço é um tesouro que temos em nossas mãos e que não

estamos sabendo usá-lo. O tesouro que se esconde em uma biblioteca, bem organizada, não tem preço.

4.2. A leitura como processo de restauração a pacientes enfermos

De acordo com Seitz:

No antigo Egito, o Faraó Ramsés II mandou colocar na frente da sua biblioteca a frase “Remédios para a alma”, na Abadia de São Gall, na Idade Média, havia a inscrição: “Tesouro dos remédios da alma”. E, também, os gregos fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual ao conceberem suas bibliotecas como a ‘medicina da alma’. (SEITZ, 2006, p. 157).

Com isso percebemos que, já na antiguidade, o uso da leitura tinha fins terapêuticos e ainda hoje há esse importante entendimento. Seitz (2006, p. 157) fala da experiência que a leitura, nas clínicas médicas, proporciona aos pacientes: além de informação e lazer, traz momentos de descontração e alegria, contribuindo para o bem estar mental dos mesmos, humanizando o processo de hospitalização. O paciente hospitalizado além do estresse provocado pela própria doença sai do aconchego de seu lar e passa a “estar” em um lugar estranho, longe do ambiente com seus entes queridos e sem privacidade alguma. Seitz notou que, com a leitura, os pacientes sentiam-se confortados e tinham uma recuperação mais rápida.

A autora continua dizendo que a biblioteca, em vários países é um elemento indispensável em hospitais e clínicas médicas. A leitura no leito do paciente é usada tanto na profilaxia como reabilitação e em terapias, pois vários pacientes ficam acamados por bastante tempo, não tendo chance de praticarem nenhuma atividade. Eles se sentem mais felizes com a leitura, tendo a chance de deixarem o leito mais cedo que o esperado.

Com o uso da biblioteca, na educação, o processo de cura é mental. A qualidade dos recursos de aprendizagem, das situações criadas e dos ambientes se desenvolve e se amplia criando uma interação entre os alunos e os professores. Desta forma, somos induzidos a acreditar na importância da biblioteca escolar no desenvolvimento geral do ser humano.

Este é um grande desafio para a educação, podendo-se falar da necessidade de uma mudança do paradigma educacional frente a uma educação diferenciada que já se afirma como realidade.

4.3. O surgimento da biblioteca

Fazendo um breve relato do surgimento da biblioteca percebemos que ela existe desde tempos remotos. Era vista por alguns como um paradoxo, pois veio antes mesmo dos



livros e era considerada sagrada para os extremamente religiosos, mas profana para os considerados não religiosos.

O acesso à biblioteca era restrito, pois muitas de suas obras eram consideradas maléficas. Até a Renascença, as bibliotecas não estavam à disposição dos profanos, como menciona Martins:

São organismos mais ou menos sagrados, ou, pelo menos religiosos a que têm acesso apenas os que fazem parte de uma certa “ordem”, de um corpo igualmente religioso ou sagrado... O livro, a palavra escrita, eram o mistério, o elemento carregado de poderes maléficos para os não – iniciados: cumpria manuseá-los, com os conhecimentos exorcismatários, indispensáveis. (MARTINS, 1957, p. 72)

Os escritos, nessa época, eram “coisas do demônio”. No livro *O nome da Rosa*, de Umberto Eco é retratado essa época de proibição ao acesso à biblioteca, acesso esse permitido somente ao bibliotecário e copistas, que, por sua vez, trabalhavam com certo medo, pois eram vigiados. Para se chegar ao local do livro, que mantinha em segredo obras consideradas apócrifas, era necessário desvendar um mistério. Havia várias salas iguais e em uma delas estava escondida a chave que abriria a porta da sala, na qual esse livro era “guardado”. As salas pareciam labirintos para dificultar o acesso. A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias, até o fim da Idade Média.

Ao buscarmos o sentido da palavra “biblioteca” em alguns dicionários, encontramos definições significativas. Houaiss (2004, p. 444) a define como “edifício ou recinto onde ficam depositadas, ordenadas e catalogadas diversas coleções de livros, periódicos e outros documentos que o público, sob certas condições, pode consultar no local ou levar de empréstimos (...)”; já para Dantas (1957, p.342) “etimologicamente, biblioteca significa um depósito de livros, isto é, *biblion* = livros e *theke* = depósito.”

Contudo, não devemos encarar a biblioteca no sentido exato da palavra, mas como um lugar onde podemos colher informações sobre muitos acontecimentos do nosso mundo e usufruirmos desses, num aprendizado constante.

Infelizmente, sabemos que algumas escolas fazem da biblioteca exatamente um esconderijo de livros, ao invés de fazer esses livros circularem e perpetuarem. Fazem dela um depósito de livros pouco utilizados pelo professor e pelo aluno.

Em um trecho do filme “Escritores da Liberdade” (Freedom Writers, EUA, 2007), uma professora pede para a diretora da escola em que ela leciona alguns livros para serem trabalhados em sala de aula e a diretora entrega alguns muito surrados e sujos, pois os novos ela deixa guardados na estante da biblioteca, pois julga que os alunos estragariam os livros. Em sua visão, os livros deveriam permanecer limpos, ou seja, sem marcas de





uso. Uma maneira prática de congelar o pensamento dos alunos de sua escola, mantendo-os presos e limitados a uma condição de vida pré estabelecida, pelo meio em que vivem.

Lima comenta que:

Uma educação que não exercita o *ato de pensar*, com todos os seus riscos, além da própria ausência de pensamento, tem como efeito o não comprometimento, o não tomar decisões, ou não se responsabilizar por elas. “A tarefa fundamental do pensar é descongelar as definições que vão sendo produzidas, inclusive pelo conhecimento e pela compreensão e que vão sendo cristalizados na história. A tarefa do pensar é abrir o que os conceitos sintetizam, é permitir que aquilo que ficou preso nos limites da sua própria definição seja liberado. É livrar o sentido e o significado dos acontecimentos e das coisas da camisa-de-força dos conceitos” (LIMA *apud* CRITELLI, 2006, p. 80).

Lima (2008), no artigo intitulado *Escritores da liberdade e a função do pensamento*, diz que, para alguns, é insuficiente o professor apenas “fazer sua parte”, pois este deve ver além dos limites da sala de aula. A professora do filme fazia “bem” a sua parte mostrando, por meio do seu método de ensino, que a tarefa da educação é a de trazer até os alunos muito mais do que as matérias obrigatórias do currículo; deve apresentar opções para que os alunos tornem-se conscientes e presentes no mundo, que é o lar comum de múltiplas gerações humanas. “Ao conscientizá-los do mundo a que vieram, deverão compreender a importância de sua relação e ligação com as outras gerações, passadas e vindouras”. Isso se dará preservando hábitos saudáveis, como a frequência ao uso da biblioteca, por exemplo.

Mário Quintana sabia da importância da biblioteca para vislumbrar o futuro e conhecer o passado ao escrever essa frase: “Um dia veio a peste e acabou com toda vida na face da Terra: em compensação ficaram as Bibliotecas (...) E nelas estava meticulosamente escrito o nome de todas as coisas!” (QUINTANA, 1989, p. 2)

Tudo pode deixar de existir, menos a biblioteca, porque é nela que encontramos registrada a história da nossa civilização. Se não quisermos que nosso discurso seja meramente retórico devemos considerar que, para o bom funcionamento das bibliotecas, as escolas devem contar com uma infra-estrutura adequada, como mostra Silva:

A existência de uma biblioteca escolar com acervo adequado ao corpo docente e discente; serviços bibliotecários ativos na comunidade; um currículo que prevê conteúdos de leituras e espaços para pesquisa, debate, discussão, etc., educadores que gostem de ler, que conheçam as características do processo de leitura, que selecionem textos significativos para seus alunos, que incentivem o uso da biblioteca, que aceitem as várias interpretações que se pode dar a uma obra, que preparem a estrutura cognitiva dos alunos, que se preocupem com origem social dos seus educandos e que proponham textos como fatores de elevação cultural. (SILVA, 1983, p. 59)

4.4. Programas de incentivo à leitura

Pensando na importância das bibliotecas na vida dos estudantes, o governo implantou alguns programas para incentivar a leitura nas escolas públicas, são eles:



Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), criado em 13/05/1992, através do Decreto Presidencial número 519, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura. O Decreto número 4819, de 16 de agosto de 2003, que aprovou o novo Estatuto da FBN, veio fortalecer o programa cujos objetivos principais são: promover o interesse nacional pela leitura e escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania; promover políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura; articular ações de incentivo à leitura em diversos setores da sociedade; viabilizar a realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita, tendo como diretrizes a articulação entre leitura e cultura, entendidas no contexto de riqueza da vida humana, e a democratização do acesso à leitura através da disponibilização de material de leitura em bibliotecas escolares e públicas, em salas de aula, e de leitura em locais públicos.

Programa Fome de Livro, Programa Nacional de biblioteca pública e leitura que forma, ao lado da Política do livro, o ápice dessa visão da Política Pública do livro da Leitura e de Biblioteca Pública para o Brasil, cuja responsabilidade, no âmbito do Ministério da Cultura, é atribuída à Fundação Biblioteca Municipal. É uma das metas do governo diminuir as deficiências de leitura entre os brasileiros, sanando a defasagem de bibliotecas nas escolas públicas e dando chances para que os alunos tenham fácil acesso aos livros. Por meio dessas ações, para zerar o analfabetismo e estimular a leitura, o governo democratiza o acesso ao livro e busca esforços articulados com a população para que o cidadão trilhe os caminhos da leitura. Esse projeto conta com a participação dos governos federal e estadual, prefeituras, editores, livreiros, escritores, educadores, pesquisadores, bibliotecários, leitores, empresas e organizações não-governamentais.

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura é um conjunto de programas, projetos na área do livro, leitura e biblioteca em conjunto com os governos federal, estadual e municipal e a sociedade. A principal meta do PNLL é transformar a qualidade e capacidade de leitura no Brasil, trazendo o livro para o dia-a-dia do povo.

O governo criou, também, um projeto de implementação de uma biblioteca em cada escola pública, com apoio de empresas e instituições públicas.

De posse dessas informações, passamos a investigar de que forma funcionam essas bibliotecas em algumas escolas de Santa Bárbara d'Oeste. O que vimos em quase todas é preocupante: os livros encontram-se em salas fechadas, sem o mínimo cuidado e sem uso. Pessoas envolvidas com a educação nem ao menos estão preocupadas com os livros ali depositados. Algumas escolas adaptaram uma sala de aula para que os livros fossem colocados lá, ao invés de fazê-los circular e perpetuar. Outras encaixotaram os



livros da sala onde funcionava a biblioteca e os levaram para o sótão, fato esse, presenciado pela pesquisadora. O motivo alegado foi que essa sala, outrora usada como biblioteca, passaria a funcionar como sala de computação em um programa também criado pelo governo. Nota-se que se abortou um programa – o da leitura em bibliotecas – para inserir outro – a sala de computação.

Entretanto algumas escolas ainda conservam a sala de biblioteca, mas esta somente é usada como “guarda-livros”, onde, com o tempo, ficarão empoeirados e alimentarão insetos e roedores. Pouco adianta saber da importância dos livros, se não há acesso ao conhecimento e às informações contidas neles. O livro, se ficar preso a uma estante, perde sua verdadeira função que é apresentar e preservar a história e cultura de um povo. Com isso passamos a nos questionar sobre as críticas feitas pelos professores às pesquisas que determinados alunos fazem: como um professor poderá criticar um aluno que copia e cola trabalhos da internet, se ele não é ensinado a pesquisar em livros, ou se não existem livros e locais disponíveis para eles fazerem seus trabalhos?

Essas inquietações nos levaram a visitar seis escolas. Dessas, cinco tem biblioteca, mas só uma está em funcionamento. Na biblioteca em funcionamento trabalha uma professora readaptada, ou seja, uma professora que está afastada das atividades em sala de aula e está sendo reaproveitada como bibliotecária. Sua função é cuidar dos livros e ajudar os alunos nas escolhas e empréstimos. Esta sala também funciona como um local de aula de reforço em leitura, interpretação de textos e redação. Foi possível constatar que esse trabalho dá excelentes resultados, pois a procura por livros é significativa devido ao incentivo que a escola tem proporcionado a seus alunos.

Constatamos ao longo da pesquisa de campo que, para os alunos dessa escola, a biblioteca é considerada um lugar de magia, de mistério. Os alunos ficam encantados com as histórias de *Alice no País das Maravilhas*, com as obras de Monteiro Lobato, principalmente *O sítio do Pica Pau amarelo*. É um divertimento para eles. Algumas vezes, nas aulas de reforço, eles pediam para que pudessem ficar lendo, ao invés de terem aula. Uma criança dessa escola disse uma vez para suas colegas: “não falem comigo agora, não estou mais aqui, fui viajar.”

Ela considerava suas leituras como uma viagem a um mundo encantado, aproveitava o mais que podia esse tempo de leitura, longe das dificuldades de sua vida, pois é uma moradora de uma Usina e auxilia a mãe nos serviços domésticos quando chega da escola. Conhecendo essas diferenças e contradições sociais, a criança, através da leitura, além de se divertir, de “viajar”, aprenderá a diversidade do mundo e poderá, mais tarde, compreendê-lo melhor.



Nota-se, assim, o quanto se faz necessário incentivar o ato de ler, de pesquisar, de entrar em contato com as fontes gramaticais e literárias fornecidas pela biblioteca, pois, com as novas tecnologias cada vez mais presentes na vida das pessoas, as atividades cotidianas são alteradas. A TV e o computador são meios que fazem com que as pessoas tenham vidas mais aceleradas devido às informações rápidas e instantâneas, faltando, com isso, tempo e paciência para coisas relacionadas ao ler, pensar e raciocinar. Pela TV ou computador, as informações aparecem prontas, como num toque de mágica, e não há tempo para se pensar como fazer, como criar.

Com isso a biblioteca assume um papel relevante, pois propicia informação e idéias fundamentais para que o indivíduo seja bem sucedido na atual sociedade. Devido à informação e ao conhecimento que proporciona, ela habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viverem como cidadãos conscientes, críticos e responsáveis.

A Lei de Diretrizes Bases da Educação – LDB, promulgada em 1996, criou também os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais - nos quais afirma que a proposta do desenvolvimento de competências e habilidades ensino-pesquisa está diretamente ligada à leitura e contribui efetivamente para que os alunos adquiram conhecimentos e desenvolvam autonomia intelectual. Mas para que isso aconteça, faz-se necessária a exploração das bibliotecas pelos alunos e, principalmente, que haja por parte dos educadores, interesse em despertar essa prática em seus discentes.

A leitura deve, sempre que possível, ser realizada de forma prazerosa, proporcionando a quem a realiza uma conquista de novas aprendizagens, cativando o leitor de forma motivadora.

Assim, os livros permanecem com a mesma importância e atualidade, são eles que nos trazem toda a cultura, história da humanidade e, através deles, nos confrontamos com o passado, o presente e a percepção do futuro.

Percebe-se a urgência na ampliação da função pedagógica da biblioteca, que deve deixar de ser um lugar somente de informação e prestação de serviços para adquirir a função de integrar projetos, mediar processos de busca e uso de informação, criando oportunidades para o desenvolvimento do ensino aprendizagem, geminada com a sala de aula.

Essa integração escola-biblioteca é um incentivo e dá subsídio para o desenvolvimento de competências e habilidades, bem como o acesso e uso da informação como produção de conhecimento e desenvolvimento social de nossos alunos.



Em síntese, segundo Eco (2003, p. 2) “As bibliotecas, ao longo dos séculos, tem sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo. Foram e ainda são uma espécie de cérebro universal onde podemos reaver o que esquecemos e o que ainda não sabemos”.

Diante da proposta apresentada nesse projeto, elaboramos uma entrevista estruturada em questões de múltipla escolha e ou abertas, a serem exploradas como principal instrumento de coleta de dados, na qual cada entrevistado foi indagado sobre a situação da biblioteca na escola em que atua. Buscou-se descobrir, através de pesquisa de campo se, nas escolas, existem bibliotecas em funcionamento e se há um trabalho em conjunto com as salas de aulas. Nessas escolas foi aplicado um questionário a 17 professoras readaptadas, professoras em atividades, coordenadoras das escolas e uma diretora. O questionário apresentou perguntas que levaram à seguinte reflexão: qual a situação atual das escolas analisadas?

Diante desse contexto, apresentar-se-á os resultados da pesquisa de campo realizada em seis Escolas Públicas situadas em várias partes da cidade de Santa Barbara d’Oeste, sendo algumas na área central e outras na periferia.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Na declaração dos entrevistados participantes, ao iniciar o questionário com a pergunta: “Qual sua opinião sobre as bibliotecas existentes nas escolas públicas?”, obtivemos 95% das respostas confirmando que a quantidade de livros é adequada para suprir as escolas, e 5% discordaram. Nesse mesmo quesito todos os entrevistados concordaram que o maior problema é a falta de funcionários para cuidar desses livros e o espaço é insuficiente para o desenvolvimento de atividades dentro da biblioteca.

Os entrevistados da segunda questão, que versava sobre a existência de algum trabalho desenvolvido em conjunto entre a sala de aula e a biblioteca, 58% afirmaram haver essa junção, que os livros são retirados pelo aluno e levados para casa para leitura durante a semana; 42% disseram não haver nenhum trabalho desse gênero na escola. Nesse último quesito temos um paradoxo: se, na maioria das escolas, as bibliotecas não funcionam e só em uma há uma professora readaptada tomando conta da biblioteca, como é possível a porcentagem dos que responderam afirmando haver um trabalho em conjunto sala de aula-biblioteca ser maior do que os que responderam não haver?

Seguindo para a questão de numero três, sobre a quantidade de livros mandados pelo governo estadual serem suficientes ou não, dos 17 entrevistados, 88,23% disseram



que sim, um não respondeu e o outro respondeu negativamente, dizendo que na escola onde leciona existem sete terceiros anos e na proposta do livro didático pedem a leitura de *Macunaíma* e *Vidas Secas* e na biblioteca tem apenas dois volumes de cada livro, os alunos ficam obrigados a revesar a leitura dos livros, muitas vezes, retardando a conclusão dessa aula.

Um número significativo de entrevistados, ou seja, 82,35%, responderam na questão, se existe bibliotecário responsável pelas bibliotecas, que nas escolas públicas estaduais, não existem, o máximo é uma professora readaptada, que está sendo aproveitada nessa função.

Por isso somos induzidos a acreditar que ter uma biblioteca na escola não funciona se não tiver uma pessoa, com a competência necessária, responsável por ela. Uma entrevistada respondeu a esse respeito que um profissional para cuidar da biblioteca envolve custos e a escola pública não investe nisso. Muitas escolas colocam pessoas voluntárias para administrar o acervo, mas essa solução não funciona, pois a pessoa não entende do assunto e não consegue organizar adequadamente o acervo, o que dificulta, muitas vezes, o acesso ao livro desejado. A mesma entrevistada sugere, para o projeto de integração entre sala de aula-biblioteca, uma distribuição de carga horária de língua portuguesa, ou seja, pelo menos duas aulas semanais serem ministradas na biblioteca. Essa sugestão foi também apontada por outros entrevistados. Já outra professora apresentou como proposta de integração, a organização de eventos relacionados à leitura, tais como: roda de leitura, recitais e saraus.

Dos entrevistados que responderam sobre a questão, que versa sobre o fato de as bibliotecas existentes nas escolas corresponderem ou não às propostas apresentadas pelo governo, 76,47% enfatizaram que não há, na maioria das escolas, infra-estrutura adequada, os livros são antigos, não há funcionário disponível e o setor não é equipado com tecnologia para pesquisas virtuais. Enfim, as bibliotecas das escolas estaduais não funcionam como deveriam.

O espaço físico também é motivo de críticas. Atualmente o acervo de muitas bibliotecas está sendo deslocado para garagens e salas minúsculas, com as paredes bolorentas, com mofo, porque há a necessidade de mais uma sala e como as bibliotecas não são utilizadas, os livros são os primeiros a serem descartados. Impossível camuflar essa condição. Esse tipo de conflito reflete o ambiente organizacional da entidade escolar, o que não é importante, será descartado.

Retomando as respostas em relação aos livros mais retirados, e às séries e disciplinas que mais solicitam livros, os dezessete (17) entrevistados disseram que quem



mais retira livros são os alunos do sexto ao nono anos e as disciplinas que mais buscam livros na biblioteca são: Português, Matemática, Ciências, História e Geografia, respectivamente.

A pesquisa realizada ainda procurou saber a opinião dos entrevistados participantes a respeito da sugestão apresentada pela pesquisadora, sobre o que os professores achavam da integração biblioteca-sala de aula. Os entrevistados consideraram ótima a proposta de integração dos dois ambientes, pois, se concretizada, resultará em transformações positivas para a educação como um todo, pois é um assunto de grande relevância para a sociedade em geral.

Alguns disseram que a pesquisa é importante porque revela a ineficiência de alguns projetos do governo, já que mostra o que os professores da rede pública vivenciam efetivamente. Notas-se a credibilidade da pesquisa através da fala dos entrevistados, que acreditam no projeto e nos novos rumos que a educação poderia tomar em relação à leitura.

Dessa maneira se confirma que uma parcela significativa de professores acredita que as escolas devem investir mais em projetos que levem o aluno a se inteirar mais com a leitura, frequentar a biblioteca e, conseqüentemente, que a escola se empenhe no funcionamento da mesma.

É oportuno ressaltar, também, que os projetos devem ser tirados do papel e colocados em prática. É fundamental entendermos que uma boa escola se faz com projetos reais de leituras, em que os alunos tenham condições de ter, ao seu alcance, meios que os levem a um aprendizado consistente e relevante para suas vidas. Nesse sentido, a biblioteca é o lugar de informação e transformação, de desenvolvimento pleno do ser humano, expandindo fronteiras, explorando o desconhecido, definindo a nossa espécie, aguçando a nossa curiosidade. O que seria de nossas obras de arte, nossas cidades, nossos descendentes, se não deixássemos um registro do que fizemos, do que vivenciamos, do que construímos?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o estudo em questão constituiu-se de uma pesquisa aplicada, houve três momentos: o primeiro foi o levantamento bibliográfico sobre a leitura e toda fundamentação teórica que envolve o tema; a segunda foi a entrega dos formulários aos entrevistados participantes para que as perguntas fossem lidas e respondidas e a terceira foi a visita nas escolas e análise dos dados de acordo com as respostas dos entrevistados.



A literatura comprovou a importância da biblioteca e da leitura na vida do indivíduo. A análise crítica sobre as reais condições de funcionamento das bibliotecas das escolas visitadas e a apresentação de sugestões de como mudar esse perfil, resultou num parecer favorável à aplicação prática do projeto, por parte dos gestores das escolas.

Espera-se que os resultados obtidos através desse estudo contribuam para a implantação de bibliotecas em todas as escolas públicas estaduais, com funcionamento adequado e ao alcance de todos. Que as sugestões propostas nessa pesquisa se concretizem, pois assim será dado um importante passo para a tão almejada integração sala de aula-biblioteca.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.
- BARROS, Manoel de. **Poesia sobre o nada, o olho vê, a memória revê e a imaginação transvê** - tema do 17º COLE, (Congresso de Leitura, Unicamp, 20 a 24 de julho/2009), Campinas, São Paulo.
- BRASIL. Ministério da Educação. **LDB, Leis de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.gov.br>>. Acesso em: 07 ago. 2009.
- BRASIL. PNLL, Plano Nacional do Livro e Leitura. Estado e Sociedade atuando pelo desenvolvimento da leitura no Brasil. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>>. Acesso em: 22 out. 2009.
- CARVALHO, Alice Martins de. **Bibliotecas: como organizar; Pesquisas: como orientar; Leituras: como selecionar**. Rio de Janeiro: Lidador, 1968.
- DANTAS, Miguel Martins. **Novo dicionário portal da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Positivo, 1957.
- ECO, Humberto. **O nome da Rosa**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Record/Altaya, 1983.
- _____. **Muito além da Internet**. São Paulo: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.2fgv.br>>. Acesso em: 07 ago. 2009.
- GUEDES, Glediane de Araújo; FARIAS, Gabriela Belmont de. **Uma análise das bibliotecas escolares da rede privada em Natal** (Trabalho de Conclusão de Curso). Campinas: Unicamp, 2002. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br>>. Acesso em: 28 set. 2009.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2004.
- LIMA, Raimundo. O filme Escritores da liberdade e a função do pensamento em Hannah Arendt. **Revista Espaço Acadêmico**, ano VIII, n. 82, mar. 2008.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. São Paulo: Ed. Anhembi Ltda., 1957.
- OLIVEIRA, Antônio F. M.; BAZI, Rogério E. R. Sociedade da Informação, transformação e inclusão social: A questão da produção de conteúdos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v.3, n.1, 2008. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pscib/index.php/pscib/article/view/916>>. Acesso em: 18 jul. 2009.
- QUINTANA, Mário. **Maravilhas de Mário Quintana**. 1989. Disponível em: <<http://www.compartilhandoasletras.com>>. Acesso em: 21 out. 2009.



SANTANA, Severino Farias de. O papel da biblioteca escolar na formação do leitor. 15º COLE de leitura no Brasil. **Anais...** Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais.html>>. Acesso em: 07 ago. 2009.

SEITZ, Eva. M. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/include/getdoc.php?id=600>>. Acesso em: 28 set. 2009.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1983. p.59.



